

O MINISTÉRIO PRESBITERAL COMO EXPRESSÃO DA ALEGRIA DE SER PRESBÍTERO

16°. ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS
– Aparecida do Norte/Brasil –
21 de abril de 2016

✘ **Jorge Carlos PATRÓN WONG**
Arcebispo - Bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários

Nesta primeira conferência, escolhi trabalhar com os senhores o tema da “alegria no anúncio do Evangelho” assumindo como referência a figura de João Batista que cumpre a missão de anunciar a Boa Nova de Deus. Sem dúvidas um anúncio que traz grande alegria ao coração daqueles que o escutam.

1. A vida de João Batista como testemunho de alegria:

Todas as passagens da Sagrada Escritura que falam de João Batista são ricas de significado dando-nos a chance de aprofundar um estudo mais detalhado sobre inúmeros valores humanos e religiosos. Contudo, quero deter-me sobre o testemunho que ele deu a seus discípulos falando de si mesmo ao ouvir que Jesus estava batizando e que muitos iam até ele.

Ao ser interpelado pelos seus discípulos e pelos judeus sobre o fato de Jesus estar batizando, João, com muita simplicidade, reconheceu diante deles que, **tudo aquilo que ele tem e faz, foi concedido por Deus**. Não cabe a ele julgar o outro, nem criticá-lo a partir de si mesmo. Não há uma disputa pela clientela, nem por uma precisão técnica sobre as coisas de Deus: “Ninguém pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu” (Jo 3, 27) e de fato, a sua vida é um grande exemplo disso; a começar pela sua concepção. Sua existência foi um “dom de Deus” em favor de seus pais: **ele mesmo é o testemunho vivo da misericórdia do Senhor que ergue o**

desanimado, que eleva os humilhados, que ouve a dor dos aflitos e refaz as suas forças renovando a sua alegria.

Imaginemos que Zacarias e Isabel, como pais que amavam seu filho, também tenham dito muitas vezes a João: “Filho, você é a minha alegria!”

“... a minha alegria!” **esta alegria não se limita a ser algo subjetivo**, como uma vitória ou uma medalha de mérito ao esforço pessoal, **trata-se de uma alegria transcendente** que envolve toda a existência destes pais e o seu inteiro entendimento de vida (religioso, social, moral), ou seja, que vai para além deles mesmos, isto é, para junto do próprio Deus: **João é na vida de seus pais a certeza da alegria que Deus sente por eles e que agora também é a alegria deles.**

Apesar da história de João Batista ter se perpetuado na cultura popular, nos ensinamentos bíblicos populares e nos registros cinematográficos sob a figura de um homem austero e duro, quase insensível ao sofrimento, **suas palavras Evangelho de Lucas são instruções cheias de vitalidade que promovem o chamado à celebração da verdadeira alegria.** João foi “O acontecimento” de alegria na vida de seus pais e suas palavras aos seus interlocutores no capítulo três do Evangelho de Lucas são, na verdade, **uma convocação para que eles escolham ser, também, uma alegria na vida de outras pessoas a partir de seus atos:** vestir ao que está nu, dar de comer ao que tem fome, não usurpar, mas ao invés, defender o que é do outro, não humilhar e nem defraudar aquele que é mais vulnerável. Em cada um destes gestos se expressa alegria de um coração que aprendeu a se importar com o seu semelhante e que se prepara para receber o Senhor Deus. Assim, **cada homem se transformará em um acontecimento de alegria na vida de seu semelhante.**

2. Ter certeza e consciência sobre aquilo que somos:

João é um homem impregnado por uma intensa alegria que atrai, toca, envolve e faz cintilar no íntimo dos corações **a viva esperança de encontrar um amor que realmente preencha o vazio de uma vida conduzida na ambição pela satisfação dos próprios desejos e na preocupação em proteger a si mesmo.** Deus se deixa tocar, se deixa achar, vem para perto de quem o procura e o invoca lealmente. Vendo e ouvindo João Batista surge novamente no coração de muitos homens **a esperança de que seja possível viver uma autêntica felicidade.** “Preparemo-nos, endireitemos o nosso caminho, porque ele, o Cordeiro de Deus, **está no meio de nós**”, dizia o Batista.

A alegria é um sentimento que nos agita interiormente devolvendo-nos o gosto pela vida, dispersando a sonolência do pecado, devolvendo o ânimo a alma, dissipando o medo, aplacando a dor, revigorando o corpo, iluminando os olhos e deixando o rosto de quem a possui cheio de luz.

João Batista, com uma admirável clareza e consciência de si, responde aos sacerdotes e fariseus quem ele é. Ele entende **que a sua vida é um acontecimento da Graça de Deus para os seus semelhantes**, ou seja, para a sua família, sua casa, seu povo, e enfim, para todos aqueles que acreditam no Cristo. **Um homem que se entende inteiramente ligado a Deus e ao mesmo tempo ao próximo. Um homem que na busca por entender a sua própria existência não encontra um momento onde a sua razão de ser não seja, necessariamente, um acontecimento para unir Deus e o homem em um mesmo sentimento de alegria.**

João Batista define-se em seu ministério usando uma das imagens mais belas do Novo Testamento, **o amigo do esposo**: *“Quem recebe a noiva é o noivo, mas o amigo do noivo, que está presente e o escuta, enche-se de alegria, quando ouve a voz do noivo. Esta é a minha alegria, e ela ficou completa. É necessário que ele cresça, e eu diminua”* (Jo 3, 29-30). **Esta também é a imagem que acompanha a vida apostólica do presbítero: ser o amigo do esposo.**

O seu anúncio e o seu ensinamento comunicam a alegria de um tempo de graça para Israel: o Senhor está no meio deles e veio ao encontro do clamor de seu Povo para jamais se separar dele. Ele estará unido a todo aquele que nele crer, assim como o esposo está unido a sua esposa.

O amor pessoal de João Batista pelo Senhor Jesus era de tal modo forte e intenso que a alegria pela espera do seu momento e pelo início do seu ministério levava **João a convocar todo o Israel, com tamanho entusiasmo e vitalidade, que as multidões seguiam até as águas do Jordão** para prepararem o coração para a celebração da alegria do encontro com o Messias.

A multidão era atraída por Deus para aquele momento através da vitalidade e da alegria de João. Sua alegria era tão radiosa que parecia ser ele mesmo a fonte daquele grande sentimento: *“será ele o messias?”*, perguntavam alguns. **João trazia consigo a alegria do coração do próprio Deus.**

Sua felicidade era ver estes dois corações: Deus e o homem, bem unidos. Esta clareza sobre si mesmo e sobre a missão no mundo é fruto da contínua releitura e integração da própria história. Deste longo processo, maturado no deserto, nasceu a sua missão: ser a voz que clama e anuncia a chegada do Senhor.

3. Redescobrimo a alegria a partir da releitura da própria vida:

Um padre que traz no seu coração a alegria pelo seu sacerdócio atrairá, entusiasmará e iluminará muitas pessoas. A alegria do seu ministério sacerdotal é o desdobramento desta alegria interior do “homem-presbítero”, que se descobre ao

longo de sua estrada vocacional como alguém profundamente amado por Deus e acompanhado por Ele.

Nem todos nós tivemos a chance de nascer em uma família religiosamente bem formada, como foi o caso da família de João Batista, e nem de ter como tios Maria Santíssima e São José, e como primo o próprio Senhor Jesus. Contudo, **Deus não desistiu do seu amor por nós e de muitos modos e maneiras**, por meio de tantas outras pessoas, interveio em nosso favor diante do falimento da paternidade de alguns pais, diante da falta de afeto materno de algumas mães, diante do descaso de algumas famílias, na hora do abandono social, da fome, dos abusos físicos e morais sofridos por alguns de nós.

Ao longo da nossa estrada rumo ao sacerdócio ministerial, o Senhor Deus colocou por nós pessoas que pudessem ser como um pai; que nos transmitissem um afeto materno; que nos defendessem dos abusos físicos e morais; que nos assistissem nas faltas materiais e que não deixassem de acreditar em nós.

Na estrada da vida, alegrias e dores estiveram sempre juntas e sobre estas não temos um total controle para decidir se queremos tê-las ou não, entretanto, **podemos acolhê-las no tempo e no momento em que elas acontecem procurando integrá-las na releitura de nossa própria história.**

Não é fácil, nem tão pouco simples acolher algo que nos desgasta, angustia e faz sofrer, sobretudo se não conseguimos explicar de maneira sumária e causal o porquê destas coisas. Certas experiências são tão duras e desagradáveis que **não temos como entendê-las em um curto espaço de tempo, porque é difícil sequer encontrar um traço de razoabilidade nelas**, ou de racionalidade sobre aquilo que aconteceu conosco, como por exemplo, nos casos dos abusos físicos e morais.

Contudo, apesar da nossa incapacidade de entender e de explicar o que nos faz sofrer e até mesmo de nos protegermos da consequência das atitudes perversas de outros, existe um Deus que nos ama e nos defende, que move céus e terras por nós. Essa é a releitura que nos permite perceber que, “morte e vida – alegrias e dores” caminham todo o tempo lado a lado. É a partir daqui que começa a nascer no coração do presbítero àquela alegria que será o diferencial em sua vida: **a certeza de ser amado por Deus e de senti-lo perto de si.**

Muitas pessoas, nos momentos difíceis da nossa vida foram sinais vivos daquela alegria que pouco a pouco se acabava dentro de nós. **Elas foram a presença real daquele amor verdadeiro e incondicional de Deus por nós.** E este mesmo Senhor que moveu estas pessoas para estarem do nosso lado durante os momentos difíceis de nossa história, **nos chama no ministério sacerdotal a sermos este “acontecimento da sua presença” na vida de nossos irmãos e irmãs, a**

exemplo de João Batista: ser **um acontecimento de alegria que comunica a presença de Deus**.

4. A falta de entusiasmo:

A ausência deste olhar memorial sobre a própria história vocacional, pode levar um presbítero a **sentir o seu ministério como uma artificialidade estética**, ou como um conjunto de discursos teóricos e genéricos pouco eficazes, **ou como um cuidado superficial ao próximo**.

Quase sempre a perda da alegria no exercício pastoral está associada a perda da alegria interior! Apesar de algumas pessoas verem a perda da alegria no ministério como causa de uma eventual crise, quase sempre **ela é um dos efeitos e não exatamente a causa**. Não são poucos os casos de homens que chegam ao presbiterato sem terem descoberto a alegria interior pela própria vida e pela própria vocação. Passam todo o seu percurso de formação inicial na pastoral vocacional e no seminário nutrindo o entusiasmo por um serviço apostólico muito operacional **limitando suas motivações aos resultados que sejam produzidos por seus esforços pastorais**.

Com o passar do tempo, ao início do pesado serviço pastoral após a ordenação sacerdotal, rapidamente se esvaziam e perdem a força e o entusiasmo vocacional. Depois, com a chegada do cansaço pelos desgastes e falimentos no ministério, com a falta de apoio fraterno, com a falta de colaboração e de compreensão dos superiores e o abandono à própria sorte na pastoral, estes presbíteros **já não encontram mais forças, nem para seguir adiante, nem para percorrer as tortuosas estradas do próprio coração atrás daquela perene fonte de alegria no ministério, ou seja, a certeza real de ser amado e amparado por Deus** e desta forma, pensam em desistir de tudo.

A alegria do ministério sacerdotal está nesta **certeza inabalável de ser alguém amado por Deus**. Em alguns momentos essa certeza pode ser ofuscada, mas ela está gravada na nossa história de vida e podemos recordá-la sempre que for preciso, se tivermos fé. É desta experiência interior que se forma a certeza de que **nos tornamos em Cristo uma fonte perene do amor de Deus e de vida para nossos irmãos**. E no quotidiano da pastoral esta vida vai ser traduzida de muitas maneiras, por exemplo: no reconhecimento da dignidade do outro; no cuidado pelos direitos do mais pobre; nas lágrimas com os que choram; no sangue derramado com os que sofrem pela verdade e pela justiça; na fé e oração com todos aqueles que confiam em Deus e esperam na providência.

O presbítero aprofunda a sua vida pastoral e desenvolve seu amor por cada pessoa que o Senhor Deus lhe confia, cultivando esta alegria interior na preparação do encontro entre o seu Amigo, e a sua amada Igreja. Pouco a pouco

com o crescimento da amabilidade no convívio com seus paroquianos, **o padre supera a impessoalidade no modo de tratar a gente**, e como nos ensina o Papa Francisco, começa a participar interiormente da vida de seus fiéis, **dividindo com eles os dramas e as vitórias de cada dia e sendo capaz de se comover com suas dores e de fortalecê-los em suas lutas**.

Como um verdadeiro amigo, o padre não se põe acima de seus fiéis, como se fosse de outra classe social, mas caminha junto, na mesma condição que eles, dividindo a vida, os bens, o status social e a luta por melhorias em favor de todos.

5. Ser testemunho de fé e alegria:

No testemunho de sua fé o padre vai motivar de maneira forte e profunda este encontro com o Senhor Ressuscitado, sobretudo, na catequese com adultos. Como é eloqüente **o testemunho de um padre que reza**, que aconselha e **que divide seu tempo ouvindo e orientando com sabedoria e fé** os seus paroquianos. Quando um adulto ao ouvir uma homilia se sente compreendido e identificado com as palavras do padre que conseguiu traduzir a sua vida interior à luz da palavra de Deus sem sequer conhecer a história pessoal daquele homem, esse adulto quase imediatamente consegue intuir que existe algo de Deus acontecendo ali naquele momento. Não há dúvidas de que tal sintonia espiritual seja possível apenas por obra do Espírito Santo, contudo, **esta obra acontece com mais força e beleza quando há participação de um coração presbiteral que se abre na fé para a ação deste mesmo Espírito**.

Não é estranho que algumas pessoas ao verem o entusiasmo e a vitalidade do coração de um padre, que vive esta alegria interior que nasce da intimidade com Cristo, comecem a admirar a figura do sacerdote, as suas virtudes e a sua postura. Afinal, elas estão em uma busca por Deus e **aquele padre representa uma forma de proximidade mais íntima a este Deus**. Esta experiência faz parte de um **primeiro momento de maturação** na descoberta e no desenvolvimento do amor por Nosso Senhor Jesus. E **o ministro de Cristo**, que age na pessoa de Cristo, **representa afetivamente esta proximidade física de Jesus Cristo**.

Por isso, pode acontecer uma exagerada admiração pelo padre, ou atitudes inflamadas de louvor à pessoa do padre, ou até manifestações de certa devoção ao padre. Criticar ou criminalizar moralmente o outro por causa dessas atitudes não o ajudará no processo de maturidade espiritual e na compreensão da relação de proximidade entre Deus e seus ministros.

Contudo, quero destacar que **o primeiro desafio**, antes mesmo de uma orientação para ajudar no discernimento de nossos irmãos que estejam agindo desta maneira, **é aquele de aumentar o cuidado com o nosso coração para não nos colocarmos no centro da relação com o Sagrado, ocupando o lugar de Cristo e desorientando a nossa aliança com Deus**. O próprio João Batista muitas vezes foi

admirado, seguido e interpelado sobre ser ou não o Messias, mas em todas as vezes ele soube, como uma seta inequívoca, apontar para Cristo, e soube ainda diminuir para que Ele crescesse.

6. Permanecer no seu lugar:

Colocar-se no lugar de Cristo e ao centro do convívio pastoral é **uma tentação muito comum**, cuja base está em nossas fragilidades e limites quotidianos. Este ato de colocar-se no lugar do Senhor, ou seja, de aceitar estar ao centro das atenções e dos interesses da comunidade, **assegura uma série de coisas que são boas**: carinho das pessoas, atenção privilegiada, domínio sobre o grupo, recursos materiais dos mais simples até a posse de bens mais significativos, privilégios nos momentos comuns e na vida pública etc. **Porém, esta forma de ter asseguradas estas necessidades pessoais pode vir a comprometer, significativamente, a nossa liberdade interior** porque favorece uma progressiva perda de sensibilidade pelo próximo e de confiança na providência divina; com mais facilidade começamos a pensar em primeiro lugar em nós mesmos e no “por quê?” de certos privilégios não estarem acontecendo mais; aumenta também a parcialidade na hora de decidir e falar publicamente com os outros, por causa do medo em deixar de ter uma “atenção particular”; e por fim, também começa a diminuir a sabedoria para o discernimento pastoral.

João Batista soube qual era o seu lugar. Ele não fez de nenhuma de suas necessidades humanas algo que compromettesse a sua liberdade interior. Por meio de uma escolha de vida pobre e simples, **ele aprendeu a confiar em Deus e a esperar de seus irmãos aquilo que seria possível receber deles e a não depositar sobre eles o peso de suas necessidades.**

Depois deste percurso reflexivo, penso que seja o momento de acrescentar uma pequena, mas importante consideração sobre a figura despojada e austera de João Batista que tocamos brevemente ao início desta conferência. A imagem austera e despojada de **João Batista é o retrato de um homem livre, que no seu ato de “não possuir nada” declara ter encontrado tudo.** Também o presbítero ao longo do seu caminho ministerial, vai fazendo a experiência da descoberta de uma perene alegria que apesar das perdas infligidas pela vida, continua crescendo com o passar dos anos. E a cada nova experiência no ministério redescobre a alegria de ter este tesouro para si: Qual? **Deus mesmo como o único e necessário em sua vida! Unido a Ele é possível dar tudo de si sem se perder nada do amor recebido.**

João é o homem que diminui, sem ser diminuído, que deu o seu testemunho e recolheu o testemunho de Deus. Consciente de si e de sua missão, **ele seguiu o “itinerário da proximidade”**: cada gesto seu aproximava ainda mais os seus discípulos da intimidade com o Cordeiro de Deus. Ele foi um verdadeiro instrumento de comunhão, obediente a voz do Senhor que inspirou toda a sua

missão. Também os presbíteros, na sua comunhão com o bispo, com o Santo Padre e com os irmãos de presbitério são chamados a dar testemunho da beleza da Igreja, esposa de Cristo que recebe o seu amado Senhor.

Como falou o Papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*; **é através do seu próprio exemplo de vida**, no crescimento e na luta quotidiana, que **o presbítero ensina para a sua comunidade o caminho de saída de si mesmo para ir ao encontro de Cristo e dos irmãos**. Cada gesto na vida de um padre expressa o seu amor a Cristo e o seu cuidado em preparar a Igreja, que é a Amada de Cristo, para as núpcias definitivas com o Seu Senhor.